

Palhaços negros do semiárido baiano

Valtenir Ferreira da Silva Filho¹

Resumo

O texto apresenta dados preliminares da trajetória de dois palhaços negros do município de Senhor do Bonfim, território de Identidade *Piemonte Norte do Itapicuru*, localizado no centro-norte do estado da Bahia: João Palhaço e Edmar Dias. João Palhaço, figura carismática de Senhor do Bonfim, provavelmente nasceu na primeira metade do século XX e atuou no *Circo Merediva* ao lado de Zé da Almerinda, no início da década de 1940, contribuindo para a comicidade local, embora sua história ainda não esteja devidamente documentada. Edmar Dias, palhaço, ator e diretor de teatro, iniciou no teatro amador, estudou no *Circo Picolino* e criou o grupo *Terapeutas do Riso*, especializando-se em palhaçaria hospitalar, desenvolvendo, mais recentemente, a palhaçaria preta. A pesquisa dialoga com a importância de referências como Rafael Padilla e Benjamim de Oliveira e reforça a necessidade de pesquisar artistas negros desconhecidos ou esquecidos, contribuindo para a valorização da herança cultural afro-brasileira e para o fortalecimento das comicidades negras como expressão artística e política.

Palavras-chave: Palhaçaria preta; comicidades negras; circo brasileiro; palhaços afro-brasileiros; Senhor do Bonfim - BA.

Resumen

Este texto presenta datos preliminares sobre la trayectoria de dos payasos negros del municipio de Senhor do Bonfim, ubicado en la región de Piemonte Norte do Itapicuru, en la zona centro-norte del estado de Bahía: João Palhaço y Edmar Dias. João Palhaço, figura carismática de Senhor do Bonfim, probablemente nació en la primera mitad del siglo XX y actuó en el Circo Merediva junto a Zé da Almerinda a principios de la década de 1940, contribuyendo a la comedia local, si bien su historia aún no está debidamente documentada. Edmar Dias, payaso, actor y director de teatro, se inició en el teatro amateur, estudió en el Circo Picolino y creó el grupo *Terapeutas do Riso*, especializado en payasadas hospitalarias y, más recientemente, en el desarrollo del payaso negro. Esta investigación aborda la importancia de figuras como Rafael Padilla y Benjamim de Oliveira y refuerza la necesidad de investigar a artistas negros desconocidos u olvidados, contribuyendo a la valoración del patrimonio cultural afrobrasileño y al fortalecimiento de la comedia negra como expresión artística y política.

Palabras-clave: Payaso negro; Comedia negra; Circo brasileño; Payasos afrobrasileños; Senhor do Bonfim - BA.

¹ Autor do resumo; encenador, ator e palhaço. Estudante da Licenciatura em Teatro da *Universidade do Estado da Bahia - UNEB*. DEDC VII, ORCID: 0009-0009-3122-8079. Participa do *Grupo de Pesquisa e Extensão em Circo Negro e Comicidades Negras - CIN* e desenvolve pesquisas na área das comicidades e palhaçarias negras. É membro fundados do grupo de circo-teatro *Atuantes*.

Memória e esquecimento: rastros de João Palhaço

“O que é o Circo Negro? A resposta a essa pergunta torna-se uma reinterpretação sankofiana na medida em que revisita a história do circo para respondê-la; é uma volta ao passado. O ovo do pássaro mítico representa aqui as marcas ancestrais nas artes do corpo, da acrobacia ao equilíbrio, da força ao contorcionismo, da mágica à comicidade, mas também o seu futuro.” (Silva, 2024)

Este texto visa apresentar dados preliminares da vida e da obra de palhaços negros do município de Senhor do Bonfim, região do território de identidade *Piemonte Norte do Itapicuru*, localizado no Centro-Norte da Bahia, semiárido brasileiro. Começo falando um pouco de João Palhaço, um comico bonfinense da primeira metade do século XX. João Palhaço é uma personalidade cuja trajetória e impacto cultural permanecem em grande parte desconhecidos.

Segundo relatos de Reginaldo Carvalho (2010), ele era amigo e colega de trabalho de Zé da Almerinda, com quem "fugiu" de Senhor do Bonfim, pelos trilhos do trem, para se juntar ao circo *Merediva*: “Aos 31 anos José Carvalho deixou a cidade natal para seguir o Circo Merediva por seis meses, com o amigo João Palhaço, entre 1941 e 1942.” (SILVA, 2010, p. 2)

João se destacava nas apresentações humorísticas, fazendo par com Zé da Almerinda, que fazia "escada"² para seus números cômicos. Depois de presenciar atos de violência do dono do circo contra sua esposa, na passagem do circo pela cidade baiana de Miguel Calmon, Zé da Almerinda deixou a trupe e retornou para Senhor do Bonfim-BA. A partir daí não sabemos mais da trajetória de João Palhaço, mas essas pistas inspiram uma pesquisa futura no âmbito do mestrado.

Em entrevista com Crispim Carvalho (2024), filho de Zé da Almerinda, João Palhaço foi descrito como um homem negro, alto, usava uma bengala, tinha o cabelo grisalho e era muito bem-humorado. Quando Crispim o conheceu João Palhaço, ele já estava aposentado e tinha dois filhos. Sua residência ficava localizada na rua Catuni, perto do Quintal-Teatro do seu amigo Zé da Almerinda, localizada na rua José Jorge, para onde

² Aquele que constrói uma narrativa, possibilitando que o outro faça a piada.

João ia tomar café, almoçar, prostrar e dar boas risadas.

Essas reminiscências importam como dados preliminares para a linha de pesquisa em circo negro, pois destaca a trajetória de um palhaço do semiárido brasileiro, do início do século XX, embora ainda pouco conhecido. Esses dados, apesar de iniciais, contribuem para a valorização e fortalecimento do discurso da comicidade negra no interior da Bahia e com o não apagamento e epistemicídio das pessoas negras do âmbito circense, sendo crucial para a pesquisa das comicidades negras, pois busca fazer o trabalho sankofiano (Silva, 2024) de resgatar e valorizar a trajetória de palhaços negros que vieram antes de nós, particularmente de um período em que a presença e a influência dos artistas negros no cenário cultural eram frequentemente marginalizado.

Especificamente na cidade de Senhor do Bonfim, reconhecida como "um celeiro de artistas" (SILVA, 2018), a investigação sobre João Palhaço se propõe a revelar as nuances de sua vida e carreira, oferecendo uma visão mais ampla sobre as manifestações culturais locais e a importância da identidade regional, nos dando um panorama do quão rica é a nossa história. João Palhaço pode representar não apenas uma figura do humor, mas também um símbolo da resistência e da expressão cultural negra no interior da Bahia.

Preservar memórias, valorizar heranças

Pensar sobre as reminiscências de João Palhaço nos leva a outro artista negro da cidade de Senhor do Bonfim - BA, Edmar Dias: ator, diretor de teatro e palhaço. Em entrevista com Edmar (2023), ele afirmou que, historicamente, a imagem das pessoas negras no circo, eram relegados a funções de zeladoria e cuidados com os animais, isso quando essas pessoas não eram expostas em feiras, museus, zoológicos humanos, colocadas no picadeiro com o intuito de desumanizar e zombar desses corpos. Sobre exercer a função de zeladoria e cuidar dos animais, em tese, não há problema algum em realizar tais atividades, o preocupante é quando a figura da pessoa negra está condicionada apenas a essas funções.

Mas é importante lembrar a potência da presença negra nos espetáculos de circo e similares, como se pode observar na história do palhaço negro cubano Rafael Padilla, com grande expressão no circo francês do século XIX (Silva, 2018), como se vê no filme *Chocolat* (2016). Ermínia Silva acrescenta que, no Brasil, “desde o início do

século XIX, sabe-se que alguns diretores e artistas de circo, compravam ou alugavam negros e mulatos escravizados, que faziam parte do quadro dos artistas da companhia.” (2007, p.68).

A saudosa Ermínia Silva, foi uma figura importantíssima para a perpetuação da história de Benjamim de Oliveira, por tratar desse contexto do circo no Brasil, com o foco em Benjamim de Oliveira, considerado o primeiro palhaço negro que se tem farto registro, embora sua pesquisa não tenha um foco tão forte na questão afrodiaspórica e negroreferenciada, seu livro cumpriu um papel de suma importância para o circo negro no Brasil.

Recentemente o coletivo CATAPPUM desenvolveu um projeto chamada *Caminhos Abertos de Benjamim de Oliveira*, em 2024, que revitalizou a história de Benjamim de Oliveira e trouxe mais informações sobre o artista e sua cidade natal (Pará de Minas - MG), que apesar de ter uma praça que leva seu nome e uma estátua em sua homenagem, muitas pessoas de lá ainda sabem pouco da sua história. Com isso, fica evidente a importância de continuar com esses movimentos de Sankofa e retomar as nossas ancestralidades e potencialidades.

Voltando a falar de Senhor do Bonfim - BA, Edmar Dias (2023) começou sua carreira no teatro amador aos 16 anos com o grupo *Mandacaru*, estreando na peça *Isso Sem Pé Nem Cabeça, Essa Coisa Chamada Vida*. Tornou-se profissional em 1996 e atualmente é um ator e diretor de teatro profissional. Sua introdução ao mundo do circo se deu através da montagem da peça *Os Três Trapalhões*, voltada para a linguagem circense, o que despertou seu interesse contínuo pela figura do palhaço.

Em busca de aperfeiçoamento, Edmar Dias (2023) se mudou para Salvador-BA e se matriculou no *Circo Picolino*, onde teve aulas de malabarismo com Ancelmo Serrat, um dos fundadores da escola de circo. Além disso, aprendeu monociclo, habilidade de lançador de facas e acrobacias em grupo. Sua única experiência atuando como palhaço em um circo de lona foi justamente no *Circo Picolino*, durante um final de semana.

Ele e Dalvinha Gomes, sua esposa, criaram o grupo *Terapeutas do Riso*, no final dos anos 1990, e ele começou a estudar a palhaçaria hospitalar. Foi então que ele percebeu que não se encaixava na palhaçaria tradicional branca e europeia, levando-o a explorar e desenvolver a palhaçaria preta. Inicialmente, as técnicas e a arte do palhaço eram

transmitidas de geração em geração. A primeira oficina que Edmar participou foi ministrada por Luiz Carlos Vasconcelos, o Palhaço Chuchu, que lhe ensinou técnicas fundamentais e ajudou a moldar o seu palhaço, Bacurau.

Bacurau, o alter ego de Edmar Dias, se apresentou em diversos locais, incluindo encontros internacionais de palhaços e trabalhou por dez anos em um parque temático em Salvador. No entanto, foi nos hospitais, alegrando pacientes hospitalizados, que Edmar encontrou seu verdadeiro propósito. Ele enfatiza que a arte do palhaço é versátil e não se limita a um palco, podendo ser praticada em qualquer ambiente, seja circo, rua ou hospital.

O artista relata que, no início de sua carreira, o cachê era pequeno, mas um marco foi quando conseguiu um contrato significativo e se apresentou no *Shopping Piedade*, em Salvador. Com o cachê, comprou um rádio de pilha para o pai e um ventilador para a mãe, presentes que marcaram sua vida e a de sua família. Para Edmar, um palhaço deve ser multifacetado, capaz de tocar, dançar, fazer malabarismos e acrobacias. A diversidade de habilidades é crucial para enfrentar qualquer situação no picadeiro. Ele também acredita que a qualidade do trabalho do palhaço não depende do local de apresentação, mas da conexão única entre este e a plateia.

Edmar Dias (2023) já enfrentou episódios de racismo, mas como palhaço Bacurau, nunca sofreu discriminação, pois geralmente as pessoas que o contratam já conhecem seu trabalho. Ele destaca a necessidade de referências negras na palhaçaria, citando Benjamim de Oliveira e outros palhaços negros conhecidos em Salvador, como Duda e João Lima. Para Edmar, é essencial desenvolver uma técnica própria para palhaços negros, que até pode ser baseada nas técnicas europeias, mas adaptada à realidade brasileira.

Edmar Dias (2023) admira muitos palhaços e aprendeu muito ao observá-los. Luiz Carlos Vasconcelos foi um mestre importante em sua trajetória, mas Edmar também valoriza o aprendizado contínuo com outros palhaços e o público. Ele acredita que a palhaçaria preta precisa de mais diálogo e estudo para desenvolver novas técnicas e estilos.

Da invisibilidade à referência: o legado dos palhaços negros

A entrevista com Edmar Dias (2023) e os dados preliminares sobre João Palhaço,

tomada, em parte, da entrevista realizada com Crispim Carvalho (2024), revela a importância de pesquisarmos mais palhaços e artistas circenses negros, para que sejam conhecidos pelo grande público e sirvam de referência para jovens artistas e não caiam no esquecimento, resultando em epistemicídio. Infelizmente, até esse momento da pesquisa, ainda não conseguimos encontrar uma fotografia e dados mais sólidos sobre João Palhaço, mas é uma das metas para uma possível pesquisa de mestrado.

Reconhecemos como exemplo o trabalho de Ermínia Silva (2007), que pesquisou a história de Benjamim de Oliveira, trazendo à tona a história de um palhaço negro, de onde podemos ter o conhecimento de um importante nome da comicidade negra brasileira, revelado por uma pesquisa acadêmica de fôlego. Finalmente, é muito representativo pesquisar os nossos, pois eles trazem uma perspectiva única e enriquecedora para a arte através de suas experiências que podem nos ensinar sobre os próximos passos na arte de fazer rir com dignidade.

Referências:

CARVALHO, Crispim. **Sobre João Palhaço**. Entrevista concedida a Valtenir Ferreira da Silva Filho. Casa do entrevistado. Senhor do Bonfim, 06 de jun. às 15:40, 2024.

CHOCOLAT. Direção: Roschdy Zem. Produção: Mandarin Films. França: Gaumont, 2016.

CIRCO NEGRO BRASIL. **Conferência:** Comicidade Negra e Circo Negro. Youtube. mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AlvIZhN2nMQ>. Acesso em: 02 nov. 2023

DIAS, Edmar. **Circo negro**. Entrevista concedida a Valtenir Ferreira da Silva Filho. Via whatsapp. Senhor do Bonfim, 23 de out. às 13:48, 2023.

SILVA, Erminia. **Circo-teatro:** Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil. 1ª Edição. São Paulo: Altana, 2007. e transforme em um artigo científico.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. Circo-teatro no semiárido baiano (1911-1942). **Repertório:** teatro & dança, Salvador, n. 15, ano 13, p. 40-51, 2010.

_____. **Dionísio Pelos Trilhos do Trem:** Circo e Teatro no Sertão do Brasil. Salvador – BA, 2018.

_____. O que é o circo negro? Uma pergunta sankofiana e notas sobre pesquisas em comicidade negra. In: VINICIUS, Chico; SARAIVA, Fagner; PEQUENINO, Mafalda (Org.). **Comidades e Palhaçarias Negras**. São Paulo: Ed. dos Autores, 2024, p. 214 – 236.

_____. **Os dramas de José Carvalho:** ecos do melodrama e do circo-teatro no sertão baiano. 2008. 305f.: il. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) UFBA (Programa de

Pós-graduação em Artes Cênicas), Salvador, 2008.

VENUS, noire. Direção: Abdellatif Kechiche. Produção: Nathanaël Karmitz. França/Bélgica: MK2 Productions; France 2 Cinéma, 2010. 1 DVD (162min), widescreen, color. Produzido por MK2 Diffusion. Baseado na história de Saartjie Baartman.s